



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO
EPISTEMOLOGIA DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

AULA 9

Professor Maurício Serva
março – 2008

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Sócio-Econômico – Departamento de Ciências da Administração
Campus Universitário – Trindade, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil
Tel. (48) 3721-9374; Fax (48) 3721-9577

Algumas pegadas da trajetória da epistemologia da administração

AUDET, Michel ; DÉRY, R. La science réfléchie – quelques empreintes de l'épistémologie des sciences de l'administration. In : **Anthropologie et sociétés**, vol. 20, n° 1, 1996.

Os autores abordam inicialmente aspectos gerais do campo da epistemologia contemporânea e do campo da administração, destacando a influência que os fenômenos históricos da aceleração industrial do início do Séc. XX, do surgimento de grandes empresas, da Grande Depressão de 1929, das duas guerras mundiais, da explosão demográfica e do crescimento do pós-guerra tiveram no desenvolvimento específico do campo da administração.

Em seguida, os autores tratam mais diretamente da epistemologia das ciências da administração, reproduzindo a história da constituição do conhecimento científico nesse campo e empregando o conceito de bases ou camadas sedimentares: novas formas de trabalho epistemológico que se adiciona às existentes sem no entanto eliminá-las, tais formas marcam profundamente a estruturação do campo. Quatro camadas sedimentares históricas são então descritas.

A epistemologia das ciências da administração

A apropriação do discurso "cientificista"

A primeira camada sedimentar, a qual se inicia com o Séc. XX, consiste numa apropriação pelos praticantes da administração (preocupados em aumentar o rendimento das empresas) do discurso "cientificista" que predomina no campo social global da época. Praticantes americanos e europeus, dentre os quais os mais famosos são Taylor e Fayol, enunciaram métodos de organização "científica" do trabalho e princípios de direção "racional" das empresas com o objetivo de maximizar a lucratividade e a satisfação do pessoal. Partidários implícitos ou explícitos da corrente científicista que marca o início daquele século, os praticantes buscam sujeitar a administração a "leis empíricas", no caso de Taylor e seus seguidores, e a "princípios lógicos", no caso de Fayol e seus discípulos.

Ao longo de três décadas, os autores que seguiram os caminhos abertos por Taylor e Fayol não tiveram a mínima sensibilidade ao movimento efervescente que ocorria na epistemologia geral — o Círculo de Viena. Se de um lado, o Manifesto do Círculo de Viena propunha um verdadeiro programa de ordem cognitiva e política, os autores da organização científica do trabalho sequer debatiam sobre a cientificidade de sua produção: o contexto social onde o científicismo triunfava era o suficiente para legitimar sua engenharia do social e sua "praxologia" da administração.

Para estabelecer suas leis relativas à organização científica do trabalho, Taylor se apoia nos estudos de tempos e movimentos, nos quais a observação e a codificação minuciosa do trabalho, em conformidade com o método indutivo do empirismo anglosaxão reinante. Por outro lado, Fayol edifica seus princípios como verdades primeiras, se inscrevendo

totalmente no racionalismo e no neocartesianismo que caracterizava o meio científico francês de sua época.

No decorrer do tempo, graças à multiplicação dos autores e de seus trabalhos, a dimensão crítica do trabalho científico toma seu lugar na escala do campo em desenvolvimento, distanciando progressivamente este último do seu cientificismo para projetá-lo num universo científico comparável ao de outros campos de produção do conhecimento.

A "cientifização" das práticas

A Segunda Guerra Mundial deu um formidável impulso às ciências da administração, pelo menos na América do Norte e na Europa Ocidental. O contexto geral se caracterizava pela mobilização das pessoas, rigidez das regras sociais devido às leis de exceção e obrigação de resultados nos planos militar e logístico. Uma espécie de domínio do Estado sobre a sociedade civil transformava os países engajados no conflito num tipo de mega-empresa onde a maior parte do pessoal estaria disposta a se submeter às regras da direção em nome do interesse comum, denominado também como razão de Estado. Para as ciências da administração, esse período excepcional representou uma ocasião única, pois ele se prestou bem ao governo, à coordenação e ao controle, três dimensões cruciais da administração, criadora de ordem. O exemplo clássico é o da pesquisa operacional, a qual dá saltos consideráveis durante os anos de guerra. Os conceitos de direção, estratégia, tática, campo, alvo, dentre tantos outros que ainda fazem sucesso na administração são tomados pro empréstimo ao vocabulário militar.

No curso desse período de cientifização das práticas, as ciências da administração tornam-se explícitas e dão lugar a um trabalho formal, um pouco à maneira daquele privilegiado pelos filósofos, mas nesse caso centrado exclusivamente no campo da administração. Seus produtores fazem eco às posições do Círculo de Viena e de numerosos filósofos da ciências do início do século, sustentando discursos epistemológicos que portam regras de produção e de validação do conhecimento. Essa epistemologia é também normativa, na medida em que tentam disciplinar as práticas em vigor no campo por meio de um balizamento de um código de regras legítimas de produção e validação.

A epistemologia desse campo se inscreve na corrente dominante da época e veicula um neopositivismo triunfante que se inspira abundantemente nas mais belas páginas do Manifesto do Círculo de Viena. A gestão científica do social, qualquer que seja sua escala, planetária ou local, lhe parece possível e, segundo os membros dessa facção, fixa o "projeto" das ciências da administração. Eles acrescentam que seguir o código que rege a produção do conhecimento científico na administração, com o tempo, conduzirá ao desenvolvimento completo dessa gestão científica.

A epistemologia local, formal e explícita da época projeta as ciências da administração numa imagem de ciência unitária. Ela mobiliza muita gente e torna-se uma fonte de unidade. Consequentemente, ela exclui! São excluídos do campo todos aqueles que não aceitam se submeter a tal ortodoxia.

A ruptura com o cientificismo pragmático do período anterior é consumada, os novos membros do campo reivindicam o status de ciência social aplicada, do mesmo modo que a medicina ou a engenharia. Ressaltamos também que, durante esse período, a epistemologia local acelera a institucionalização e a “disciplinarização” do campo. Ela contribui para a disciplinarização, mas para uma disciplinarização ordenada pelo quadro unitário referido acima. Doravante tudo se passa como se as ciências da administração podiam se fracionar em disciplinas sem se arriscar a uma implosão porque, segundo o discurso unitário, elas remetem a um projeto comum: o da cientificação da gestão do social, materializado graças a um método e a uma linguagem únicas.

Revelação da diversidade das práticas

De início timidamente no começo dos anos 70, depois com um pouco mais de vigor a partir do meio dessa década, surge no campo da epistemologia geral uma epistemologia de inspiração mais historiográfica e sociológica. Lentamente, a partir do início dos anos 70, as transformações do campo da epistemologia geral encontram ressonância nos diferentes campos de produção científica, dentre os quais também no da administração.

As facções que impulsiona as novas formas de produção correspondentes a tal transformação no campo da administração são compostas de pessoas com formação em sociologia, ciência política ou antropologia. Elas aderem ao pluralismo epistemológico em detrimento do neopositivismo que agrega a maioria dos membros desse campo. As consequências desse processo são diversas:

- tais facções brotam uma grande diversidade de práticas que não se coaduna com o discurso unitário e normativo inspirado do neopositivismo. Essas práticas remetem a regras de produção e de validação muito diferentes;
- além de revelar o caráter polimorfo das ciências da administração, a epistemologia nova contribui para o reforço desse mesmo caráter que ela revela, melhorando a posição relativa dos seus defensores no interior do campo;
- a revelação, a legitimação e a afirmação das diferenças entre as práticas exacerbam uma fragmentação do campo, a qual promove o surgimento de uma multiplicidade de hierarquias implícitas dos membros e de suas unidades de pertencimento. Essa fragmentação acentua a politização do campo a tal ponto que cada facção tem sua visão da hierarquia do campo e que as operações de “auto-incensamento” ou de desqualificação de outras facções tornam-se cada vez mais frequentes;
- as três consequências mencionadas acima têm uma incidência diferente sobre as pessoas segundo sua posição relativa no campo, ou à entrada do campo para os que nele postulam um espaço;
- a existência de uma epistemologia local, explícita, empírica e pluralista acentua, para muitos praticantes, uma perda de confiança sobre a eficácia e os “efeitos de verdade” atribuídos aos conhecimentos científicos da administração desde algumas décadas. Menos do que a revelação da multiplicidade de regras de produção e validação, é aos insucessos frequentes daqueles que tentam administrar “cientificamente” suas organizações com base nos conhecimentos científicos da administração que se deve atribuir essa perda de confiança. Aproveitando-se da referida perda de confiança, os praticantes do campo fazem cada vez mais concorrência aos pesquisadores no mercado de conhecimentos científicos da administração. Estes últimos enfrentam uma dupla

concorrência: uma provém do interior do próprio campo, a outra, mais recente e crescente, é a dos praticantes que, muitas vezes, já adquiriram uma formação de pós-graduação em administração e que, por essa razão, afirma bem conhecer os limites dos conhecimentos científicos da administração.

Derivação conceptual

Há quinze anos assistimos dois fenômenos novos no campo: o surgimento de uma epistemologia derivada nas ciências da administração e, simultaneamente, a emergência de uma epistemologia derivando para os campos das ciências da administração. É este último que marca significativamente a base sedimentar que agora tratamos.

Assim, novos subcampos como a epistemologia da organização ou a cognição em gestão estão surgindo e seus adeptos se multiplicam. Vários membros do campo “reconceituam” seus objetos de estudo a partir de conceitos e estratégias de pesquisa emprestadas dos epistemólogos desse campo. Um número crescente de trabalhos aborda o gestor como produtor de conhecimento, sobre a organização como um reservatório de produtores de conhecimento, ou sobre a organização como pensante, aprendiz ou inteligente. Em seu conjunto, tais estudos ilustram bem que a cognição e a constituição de conhecimento por pessoas diferentes dos universitários se tornaram objetos de estudo e que portanto a epistemologia do campo como que “colonizou” outros subcampos. Doravante para os pesquisadores que se interessam pela dimensão cognitiva da administração, todos os membros de uma organização, de seu primeiro responsável até a pessoa que ocupa o posto mais modesto, são produtores de conhecimento cuja competência é muito maior do que aquela que lhe era atribuída pelas concepções anteriores.

Esse deslocamento do estudo da constituição do conhecimento no campo para a reconceptualização dos objetos é sem precedentes na história do campo e vem em seguida a uma derivação da epistemologia local. Esse deslocamento é também ligado à onipresença recente das ciências da cognição que, se apoiando sobre uma multiplicidade de campos em ciências do humano e do social, em ciências da natureza, em matemática, em informática e em engenharia penetraram sem grandes dificuldades em quase todos os campos de produção de conhecimento, incluindo o campo da administração.

O gosto crescente pela dimensão cognitiva dos objetos da administração tem por consequência não intencional a aceleração da reabilitação da competência dos praticantes e, por extensão, a transformação em informação chave sua compreensão dos fenômenos administrativos que os pesquisadores tentam elucidar. Assim, no momento em que cada vez mais pesquisadores julgam indispensável recorrer aos praticantes para elucidar seus objetos de estudo, estes últimos buscam cada vez menos os primeiros para resolver suas dificuldades, como se, de um ponto de vista cognitivo, houvesse uma inversão da relação de subordinação.

Conclusão

Passando da reflexão especulativa à reflexão crítica, os epistemólogos provocaram consequências não intencionais: eles explodiram uma crença e revelaram a irredutível falibilidade do conhecimento científico, bem como seu polimorfismo. Eles contribuíram também para lembrar que produzir conhecimento é uma atividade inerente às relações que os seres humanos mantêm entre si e com o resto do universo, que essa atividade é subordinada a tais relações e que, conseqüentemente, a cientificidade não pode lhes transcender.

Enfim, se nós admitimos que a ação humana seja irrefutavelmente portadora de consequências involuntárias, então nós devemos aceitar que a epistemologia, a cientificidade e, de maneira mais global, a cognição estejam cada uma na base de tais consequências, as quais se constituem novas condições para a ação.